

Apresentação

Na década de 1980, numa conferência em Campinas, o crítico uruguaio Ángel Rama sugeria a necessidade de se construir, através do trabalho intelectual, “uma aventura de um diálogo possível” entre o Brasil e a América Hispânica. Esta preocupação refletia seu trabalho de latino-americanista e homem dedicado ao estudo das letras e da cultura. Muita pesquisa foi feita desde então e o hiato existente entre as duas partes da América Latina parece ter ficado menor. Foi com o intento de continuar a construir este “diálogo possível” que este número 22 da Revista *Gragoatá* foi pensado. A leitura dos diversos textos que compõem o volume, sem dúvida, conduz o leitor por um multifacetado universo de literatura e de cultura atravessado por problemas políticos, éticos, estéticos e teóricos que fazem parte das principais preocupações da crítica cultural na atualidade.

O texto que abre o volume, “Epistemic Disobedience: the de-Colonial Option and the Meaning of Identity in Politics”, do pesquisador argentino radicado nos Estados Unidos Walter Mignolo, apresenta um argumento que se baseia em duas teses interrelacionadas. A primeira tese, a identidade NA política seria, para o autor, um movimento necessário de pensamento e ação no sentido de romper as amarras da teoria política que prevalece na Europa desde Maquiavel, racista e patriarcal por negar o agenciamento político às pessoas classificadas como inferiores (em termos de gênero, raça, sexualidade, etc). A segunda tese se fundamenta no fato de que estas pessoas, consideradas inferiores, tiveram negado o agenciamento epistêmico pela mesma razão. Assim, toda mudança de descolonização política (não-racista, não heterossexualmente patriarcal) deve suscitar uma desobediência política e epistêmica. As duas teses são os pilares da opção descolonial, que permite pensar em termos do diversificado espectro da esquerda marxista e, de outro lado, do diversificado espectro da esquerda descolonial.

No artigo “O arquivo e o presente”, Raul Antelo demonstra que o modernismo latino-americano é um fluxo histórico com momentos de intensidade, lacunas, períodos de agitação e ruptura dissidente. Reconstruir seu arquivo não significa procurar sua origem mas escolher, identificar e analisar aqueles momentos preteridos pela autonomia modernista. O efeito barroco, o assim chamado neo-barroco latino-americano dos anos 70, vincula-se diretamente a uma espécie de momento pré-pósteros dessa história.

Em “Os discursos da mestiçagem: interseções com outros discursos, críticas, ressematizações”, Eurídice Figueiredo propõe uma leitura cruzada dos discursos da mestiçagem em relação aos discursos da transculturação, do hibridismo e da criouliização, mapeando como foram conceitualizados ao longo do século XX por alguns pensadores significativos da América Latina – continente emblemático da mestiçagem. Demonstra, em seguida, como eles acabaram extrapolando o âmbito deste continente para um uso mais generalizado tanto na América do Norte quanto na Europa, tendo em vista o fluxo de imigrantes, que cresce de maneira exponencial, numa diáspora que muda a feição de países até então considerados homogêneos, tanto étnica quanto culturalmente.

No artigo “‘Nós Outros, Neo-Ibéricos’: O entre-lugar da identidade nacional no pensamento de Manoel Bomfim”, Luiz Fernando Valente demonstra que Bomfim define o singular espaço ocupado pelo Brasil dentro da geografia sócio-político-cultural lusófona em termos de uma dialética entre uma mentalidade consciente da sua diferença, que se poderia qualificar de pós-colonial já no século XVII, e o persistente “parasitismo” da herança ibérica, que teria “infectado” nosso corpo político e social, deixando seqüelas das quais ainda não nos conseguimos recuperar. Rejeitando as noções de síntese e harmonia caras ao pensamento oficial e codificadas no século XIX pelos textos de von Martius, Bomfim constrói a identidade brasileira como um “entre-lugar,” configurando-a através de uma espécie de psicomáquia entre, de um lado, um espírito independente, criativo e contestador, presente desde o início da nossa formação, e, do outro, um corpo sócio-político doente, contaminado pelo decadente colonialismo português.

Já Silvina Carrizo em “Debates de 1920: formas de pensar a tradição” examina as diferentes discussões em torno do conceito da tradição de intelectuais como José Carlos Mariátegui, no Peru, e Gilberto Freyre, no Brasil, na década de 1920. Ao mesmo tempo, busca dialogar com as propostas de alguns escritores da época, como Graciliano Ramos, para analisar o alto grau de debate sobre o tema em questão. Tanto o indigenismo peruano quanto o regionalismo nordestino possibilitaram uma relação particular entre o regional e o étnico, o cultural e o temporal, assim como entre a linguagem e a memória, ao colocar no centro desta problemática universos culturais antes não considerados.

Em “A América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais (1969-1973)”, Haydée Ribeiro Coelho traça a interlocução entre o Brasil e os países hispano-americanos nos anos 1960 e 1970 através da análise de alguns textos do Suplemento Literário do Minas Gerais (cuja primeira edição data de 1966) que, buscando romper o isolamento do Brasil em relação aos demais

países da América Latina, publicou literatura e crítica hispano-americanas. O material selecionado contém entrevistas, textos panorâmicos sobre a literatura hispano-americana, destacando também as resenhas que permitissem refletir sobre a indicação de obras aos leitores do Suplemento, propiciando ao estudioso de hoje reconstituir aspectos do diálogo do Brasil com a América Hispânica.

No artigo intitulado “Modernismo Brasileño y Vanguardia Argentina: Filiaciones y Homenajes (Macedonio y Mário: un diálogo ficticio)”, Mónica Bueno estabelece um paralelo entre a literatura brasileira e a literatura argentina, demonstrando que o modernismo brasileiro é, como a vanguarda argentina, uma polifonia que os críticos tentam delimitar. Considerando que o romance na América Latina tem sido um gênero privilegiado para marcar a forma irreverente da margem cultural, a autora aponta Macedonio Fernández como o ponto de virada na história do romance na Argentina, por alterar consideravelmente os fundamentos epistêmicos da representação e Mário de Andrade no Brasil, porque põe em crise o marco do gênero.

Em “Visões da morte no indigenismo de Darcy Ribeiro e Jorge Icaza”, Paulo Sérgio Marques compara duas cenas de morte em Maíra, de Darcy Ribeiro, e Huasipungo, de Jorge Icaza, a fim de mostrar as diferentes concepções da morte, da cultura branca europeia e do indígena americano, apresentadas nos dois romances indigenistas, e como elas expressam uma cosmovisão peculiar a cada uma dessas culturas, a cristã e a pagã, a colonizadora e a colonizada. Enquanto em Jorge Icaza a morte descrita pelo olhar do colonizador serve de objeto de hierarquização e separação, a morte pelo olhar indígena de Maíra revela-se como um processo de comunhão e participação.

Graciela Ravetti em “Saberes performáticos nas ficções de Haroldo Conti” aborda questões relacionadas com o transgênero performático. Tomando como objeto a ficção de Haroldo Conti, Mascaró, el cazador americano, pesquisa, a partir da compreensão de como performance e escrita se interligam, uma chave crítica e teórica que permita novas perspectivas de análise cultural.

Em “Romances híbridos e crítica ficcional na narrativa contemporânea latino-americana: o caso de Roberto Bolaño”, Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo apresenta uma tendência da narrativa latino-americana contemporânea que consiste na mistura de gêneros e no uso da crítica literária ficcional na construção de romances e livros de contos híbridos. Tomando como estudo de caso a obra do escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003), o artigo mostra as principais características deste tipo de narrativa e faz um paralelo com outros exemplos recentes de escritores da América Latina. Finalmente propõe algumas hipóteses teóricas para tentar situar o fenômeno na tradição literária latino-

americana e analisa sua relação com as transformações recentes no campo das humanidades e das ciências sociais.

Em “El sueño de la razón...”, Olga Valeska faz uma reflexão sobre o lugar da poesia e da literatura no atual contexto de mudança epistemológica. Dentro desse campo de discussão, o seu texto focaliza a obra ensaística do poeta mexicano Octavio Paz, colocando-a em diálogo com discursos advindos de diversos campos do conhecimento.

“O conto policial de Jorge Luis Borges: cânone e marginalidade”, de Andréa Lúcia Padrão Ângelo, enfoca dois contos de Borges em um gênero ainda considerado “menor”, o policial. Mostra, também, como essas narrativas aparecem vinculadas a preocupações que ultrapassam o gênero, abrangendo elementos comuns ao universo borgiano: filosóficos, teológicos, místicos, míticos, metafísicos e históricos.

Danilo Luiz Carlos Micali, no artigo “O enteado, de Saer: uma percepção poética da Conquista Hispânica Americana”, analisa o romance do autor argentino que promove um debate sobre a Conquista Hispânica da América, do ponto de vista particular de um narrador que constrói poeticamente a sua visão daquele passado, que não diz respeito a nenhum fato histórico preciso. Mas, enquanto a historicidade desse texto transparece nas suas entrelinhas, a sua imanente poesia define o seu aspecto de prosa poética, senão de narrativa poética, traços que apontam para um possível hibridismo literário do romance.

Consuelo Alfaro Lagorio, em “Textualidade, imagem e mestiçagem na crônica de Guamán Poma de Ayala”, examina a obra Nueva Crônica y buen gobierno, cujo texto reproduz, entre outros, os processos críticos de identidade, resultado dos acontecimentos históricos do século XVI. A crônica envolve um interdiscurso entre tradição oral da língua materna e literalidade em segunda língua, mas recorre também à tradição iconográfica andina, como parte dos conflitos desta identidade. Consciente do irreversível das mudanças pelas quais passavam as sociedades andinas, o cronista índio decide formular por escrito o que recolhe à maneira de um etnógrafo, o que lê nas crônicas espanholas e o seu próprio testemunho sobre os acontecimentos e seus antecedentes históricos.

No texto “Perdón, disculpa, disculpa aí. La expresión de las disculpas en el cine iberoamericano”, Flávia de Almeida Monteiro, Célia Regina dos Santos Lopes e Leticia Rebollo Couto levantam o conjunto de fórmulas rituais, cristalizadas ou não, que permitem expressar pedidos de desculpas em diversas comunidades ibero-americanas, bem como comparar a natureza das ofensas que demandam atos reparadores. Analisam uma amostra de nove filmes contemporâneos ambientados em oito diferentes centros urbanos (Cuba, Espanha, México, Peru, Chile, Brasil, Argentina e Colômbia). Como resultado preliminar,

observam que houve algumas diferenças no uso de desculpas nas comunidades hispânicas ou brasileiras quanto 1) a suas formulações e 2) aos tipos de ofensas que são objeto de desculpas. Em suas formulações diretas, as desculpas estão necessariamente relacionadas aos diferentes sistemas de tratamento verbo-pronominais no que se refere às formas de tratamento: *ustedeo*, *tuteo*, *voseo*, no espanhol, neutralização *tu/você*, em português, e às correspondentes relações interpessoais em cada contexto sócio-cultural.

Por fim, o volume apresenta duas resenhas. O primeiro livro, resenhado por Livia Reis, é *O Sul e os Trópicos. Ensaio de cultura latino-americana*, de Ana Pizarro, e o segundo, resenhado por Heloísa Costa Milton, é *América: história e ficção*, de André Trouche, ambos publicados em 2006 pela Editora da UFF.

Eurídice Figueiredo e Livia Reis
(organizadoras)